

ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA: INTERDISCIPLINARIDADE EM SALA DE AULA A PARTIR DA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “QUINZE FILHOS” (1996)

*Amannda Dativa de Melo Silva¹
Orientadora: Sônia Meneses²*

RESUMO

Vivenciamos um período de intenso desenvolvimento de mídias no âmbito geral. Com isso, tornou-se cada vez mais complexa a comunicação do professor para com seus alunos em sala de aula mediante a linguagem sob a qual os discentes estão em contato desde cedo. Contudo, os professores tem a árdua missão de se adaptarem a esses requisitos que refletem consideravelmente em sua prática docente. É seu papel despertar nos alunos habilidades para que ocorra um bom êxito no processo educacional. Consideremos o ensino de história e as possibilidades de se trabalhar em sala de aula com distintos recursos didáticos, priorizando a interdisciplinaridade como o uso de imagens, vídeos que proporcionam aos discentes um aprendizado dinâmico e atraente. Frente a essas questões, é necessário pensar na contribuição do cinema em sala de aula, considerando que o diálogo entre história e cinema remontam já a bastante tempo. Contudo, foi a partir da proposta da Nova História que a historiografia voltou seu olhar para as contribuições de vídeos e filmes no processo educativo dos alunos. Este artigo versa compreender como a proposta de história e cinema pode ser produtivas em sala de aula considerando a análise do documentário “Quinze filhos” (1996). Nossa intenção é discutir o papel das testemunhas na narrativa da história recente do país e compreender como esses depoimentos podem servir como importantes ferramentas ao ensino de história.

Palavras-chave: Ensino de História; História e Cinema; Mídia; Memória.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade vivencia uma fase que remete a um processo de relativização do sujeito, a mídia no âmbito geral, a filmografia, a música, se integram em novas linguagens sobre as quais alcançam facilmente o universo dos alunos. Novas possibilidades para se trabalhar o ensino de história surgiram sob a influência dos estudos históricos franceses a partir da chamada Nova História cultural³, não restringindo o aprendizado apenas ao livro didático.

¹ Graduação em andamento pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID- História.

Email: amanndadativa@hotmail.com

² Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), docente da Universidade Regional do Cariri (URCA) e Coordenadora do sub projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência do curso de História. Estuda as relações entre história e mídia, teoria da história e tempo presente, memória, política e Brasil contemporâneo.

Email: sonia.meneses@gmail.com

³ É corrente historiográfica surgida nos anos 1970 e correspondente à terceira geração da chamada Escola dos Annales, como referencial teórico podemos mencionar: Jacques Le Goff ; Emmanuel Le Roy Ladurie ; Marc Ferro ; Pierre Nora ;Philippe Ariès;

Os estudos históricos remetem a uma ideia de disciplina formadora de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, todavia, para que isso ocorra da maneira correta faz se necessário refletir qual o lugar do ensino de história em nossos dias, e as formas que as problemáticas históricas estão postas em discussão pelos professores.

A prática docente passou por intensas transformações no decorrer do tempo, podemos ainda encontrar dificuldades nessa área, entretanto, o profissional da educação para obter êxito na mediação dos conhecimentos para com seus alunos deve buscar se aperfeiçoar e trabalhar na perspectiva de perceber o público alvo no qual deseja atingir, salientando que o professor é responsável por mediar o conhecimento levando os seus alunos a refletirem os acontecimentos históricos.

Nesse sentido, pensar elementos do tempo presente a partir de fontes audiovisuais como o cinema desconstrói a ideia da disciplina de história fazer referência a um conteúdo chato e cansativo, e passa a adquirir um caráter interdisciplinar tornando o aprendizado prazeroso e dinâmico.

Vale salientar que o professor deve estar atento de que a teoria sem a prática não adianta muito, o docente deve buscar ir além dos conteúdos, pensar a educação sob o prisma da ação, para que seus alunos problematizem a vida e o mundo com caráter crítico e se reconheçam enquanto sujeitos históricos compreendendo que os mesmos também fazem parte da história e que esta não se restringe apenas ao livro didático. Segundo Keith Jenkins é função da história:

(...) é a maneira pela qual as pessoas criam, em parte suas identidades. Ela é muito mais do que um módulo no currículo escolar ou acadêmico, embora possamos ver o que ocorre nesses espaços educacionais tem importância crucial para todas aquelas partes diversamente interessadas. (JENKINS: 2001: p:42)

A partir da premissa acima apresentada podemos compreender os estudos históricos são fundamentais para refletir questões pertinentes do cotidiano, desde a memória, identidades, todavia, o educador levar os seus alunos a refletirem constantemente o diálogo entre o vivido no cotidiano com as abordagem das narrativas históricas, para assim pensar a memória individual e coletiva a partir de permanências, continuidades e rupturas na sociedade levando em consideração a sua pluralidade e seus desdobramentos.

Como enfatiza Antonio Mitre: “(...) através da lembrança, atamo-nos a um passado que se dobra e se desdobra à maneira dos retábulos, descortinando imagens de nossa infância, (...)” (MITRE: 2003: p.13).

Frente a essas conjunturas intrínsecas ao ensino de história, o programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID)⁴ busca aperfeiçoar a prática docente dos alunos dos cursos de licenciatura.

Nesse sentido, o programa pode ser compreendido como um lugar de pesquisa, uma vez que, semanalmente os bolsistas do PIBID História/URCA tem adquirido, através de oficinas de formação, discussões sobre temáticas que conferem o ensino de história, aulas expositivas, atividades realizadas nas escolas participantes do projeto o que tem propiciado aos mesmos um diálogo positivo com alunos da rede básica de ensino.

Contudo, o projeto tem mediado um relevante aprendizado para os bolsistas no que se seguirá sua futura profissão. Este artigo tem como objetivo refletir acerca da utilização de recursos audiovisuais como ferramentas para o ensino de história a partir de uma experiência pibidiana, buscando analisar o documentário “Quinze filhos” (1996) e compreender ainda como esses depoimentos podem ser utilizados como recurso pedagógico no ensino de história.

O DOCUMENTÁRIO “QUINZE FILHOS” (1996) COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

O documentário por muito tempo foi referência de comprometimento com o real, tendo em vista que a sua construção narrativa era elaborada a partir de história reais, todavia, devemos compreender que esse gênero fílmico é uma ficção, pois, o mesmo é elaborado a partir do olhar de quem o produz. Regina Maria Rodrigues nos alerta para algumas questões:

O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são a representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer (BEHAR, 2006, p.2 apud NICHOLS, 2005).

Discutir esse tipo de recurso didático no ensino de história nos permite refletir algumas questões. É fundamental que o educador tenha um conhecimento prévio sobre o filme no qual deseja trabalhar em sala de aula, perceber as entrelinhas das narrativas, considerando que estas possuem um lugar social, ideológico com objetivos e direcionamentos

⁴ O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino, conta com financiamento da CAPES.

definidos, e ainda carregam conceitos e referências socioculturais dos produtores do mesmo como também dos depoentes.

A construção narrativa de um documentário mobiliza elementos cruciais para a produção do mesmo. Questões que conferem desde todo o processo de produção, os conceitos que foram trabalhados para a realização do roteiro do mesmo e acima de tudo a mensagem que o produtor quer passar.

Segundo Marcos Napolitano: “(...) é sempre encenação com escolhas predeterminadas e ligadas a tradições de expressão e linguagem cinematográfica que limitam a subjetividade do diretor, do roteirista, (...)” (NAPOLITANO, 2006, p. 276).

A partir do pressuposto acima mencionado podemos ressaltar que um documentário busca nos passar uma mensagem, devemos estar atentos as entrelinhas das narrativas propostas pelo mesmo, considerando que as formas como as pessoas leem os acontecimentos é a forma como as mesmas o percebem. No âmbito do ensino devemos estar atentos as formas de apropriação do discentes frente aos recursos didáticos utilizados.

O documentário “Quinze filhos” (1996), dirigido por Marta Nehring e Maria de Oliveira, possui 20 minutos de duração, foi inicialmente produzido para ser trabalhado em um seminário da UNICAMP⁵ intitulado "A revolução possível", com a finalidade de propor uma reflexão acerca da repressão política intrínseca ao Golpe de 1964, o esquecimento e as possibilidades de reparação do passado.

No referido documentário estão reunidos depoimentos de quinze filhos de guerrilheiros da Ditadura Militar, entre eles, Ivan seixas, Telma Lucena e Denise Lucena, João Carlos, Gregório Gomes e Vladimir Gomes, André Herzog, entre outros, no qual os mesmos relatam suas infâncias, torturas, angústias, e evidenciam um forte desejo de justiça, de reparar um passado ainda não superado, cujo o vivido é narrado sob o prisma de um curso inconstante que ainda não possui um desfecho.

Um dos depoimentos presentes no curta metragem e que configura essa ideia de reparação do passado emerge na fala de Janaina Telles:

Eu achava que a sociedade me devia alguma coisa, por que se não tivessem deixado o golpe acontecer eu não tinha sofrido isso (...). Quero... quero vingar, quero punir e quero reparar... a dor que me impuseram. (Janaina Telles, Quinze filhos, 1996).

⁵ Universidade Estadual de Campinas. São Paulo-SP

A partir desse depoimento trilhamos o percurso da memória, a memória daqueles que estão vivos e que podem contribuir para que um acontecimento não seja esquecido, compreendendo que a memória coletiva e a individual dialogam para que o acontecimento seja significado no presente.

Como enfatiza Jacques Le Goff, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff: 1990: p.366).

Por conseguinte, compreendemos que a memória e o esquecimento caminham juntos e direcionam a dois lados da mesma moeda que se conectam e adquirem significado no presente, sendo necessário o indivíduo abstrair os fatos e selecionar o que o mesmo considera importante ser lembrado no presente.

O documentário “Quinze filhos”, evidencia como problemática central a uma perspectiva de reparação do passado, o cenário do mesmo é bem simples, o único recurso de câmera utilizado são apenas zooms para ressaltar momentos de ansiedade, nervosismo. Como trilha sonora temos os sucessos dos anos 60 e 70 que configuram o período do Golpe de 1964, como a música “Aos nossos filhos” de Ivan Lins, e as imagens são em preto e branco que ressaltam memórias não tão boas de serem lembradas.

A perspectiva temporal do mesmo ocorre do passado para o presente, todavia Sônia Meneses nos chama atenção para algumas questões:

À reivindicação da memória como um dever ético-político se agregam duas outras: a de reparação do passado e a de responsabilização pelos crimes cometidos. A compreensão de que a dor infligida foi produto de uma política de Estado projeta o encargo dos sofrimentos não apenas nos realizadores diretos daquelas ações, mas em toda a sociedade, que foi conivente com o Estado (MENESES: 2014:p. 153).

Podemos salientar que as produtoras do documentário priorizam a perspectiva subjetiva, evidenciando as memórias infantis dos filhos dos militantes mortos e desaparecidos. Memórias feridas que buscam vingar, punir algo ou alguém, e que estes acontecimentos são responsáveis por sua própria construção da identidade no presente.

O Estado é observado pelos 15 filhos dos militantes como culpado pelo que ocorreu com os mesmos. Os familiares que foram mortos ou desaparecidos são vistos como heróis, pessoas que tiveram suas vidas interrompidas por conta do Golpe de 1964 e são lembrados pelos seus parentes como guerreiros.

Ao lançar o olhar para o campo do ensino e propor a abordagem de um acontecimento de forte cunho ideológico e político que configura o Golpe de 1964 devemos estar atentos as formas de apropriação dos alunos mediante aos recursos pedagógicos que serão utilizados em sala de aula.

Devemos alertar aos alunos das vertentes distintas que podem surgir mediante a um mesmo tema. O educador deve primeiramente trabalhar a temática com os alunos, propondo reflexões e assim fundamentar os conceitos e as formas como os operar no ensino de história para que o recurso audiovisual não possua apenas caráter ilustrativo e sim proporcione uma reflexão das problemáticas que estão postas em discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas como o conhecimentos históricos são produzidos, a construção narrativa dos documentários também emergem direcionamentos, verdades irrefutáveis e plurais. Nesse sentido, podemos considerar no ensino de história um recurso audiovisual com caráter de documento cultural, desde que o professor saiba utilizar tal recurso e refleti-lo de forma satisfatória em sala de aula.

Devemos considerar ainda que o recurso fílmico além de emergir a conjuntura dos meios de comunicação e da cultura de massa, também está intrínseca ao campo industrial de lazer, uma vez que é algo que se integra a uma obra de arte coletiva. Contudo podemos refletir a criticidade dessas produções e utilizar como ferramentas no ensino de história.

O profissional da educação deve estar atentos as formas de apropriação dos discentes em relação aos recursos didáticos utilizados em sala de aula, considerando a análise do documentário *Quinze Filhos*, os depoentes buscam vender uma verdade irrefutável a partir do seu lugar social e que o mesmo pode apresentar distintas versões acerca de um mesmo acontecimento e o educador deve estar atento as formas de como os expectadores irão ler os acontecimentos.

Ao utilizar recursos audiovisuais no ensino de história, o professor deve elaborar um roteiro prévio, ter conhecimento do filme a ser trabalhado, a pessoa que o produziu, e saber articular a problemática posta em discussão no filme com o ensino de história, para que esse recurso didático não adquira apenas o caráter ilustrativo, mas instigue uma reflexão e pesquisas em sala de aula.

É importante alertar os alunos as questões cinematográficas presentes no filme, desde ao cenário, imagens em preto e branco, trilha sonora, ou seja, perceber as entrelinhas da narrativa fílmica para que assim os alunos percebam que a construção do enredo busca passar uma mensagem.

Outro fato importante a ser mencionado acerca do documentário “Quinze filhos” é que este difere dos estilo de documentário clássico que prioriza datas, nomes de pessoas importantes, o curta metragem analisado redimensiona o caráter subjetivo, as produtoras evidenciam os testemunhos dos 15 filhos de guerrilheiros da ditadura militar, a opção por trabalhar as temáticas em blocos direciona o expectador a refletir e dialogar a história e a memória e como estas são refletidas ao longo do tempo.

O curta metragem pode ser trabalhado em sala de aula para pensar questões que conferem desde a construção da memória, identidades, considerando as entrelinhas do discurso e as formas que os depoentes relatam os acontecimentos.

Para que este recurso seja utilizado no ensino de história de maneira satisfatória é necessário o educador se qualificar para sobrepor um espaço inovador no âmbito do ensino, para que assim propicie aos seus alunos um conhecimento diversificado e atual levando em consideração que professor é um mediador no processo de conhecimento e que o aprendizado não é algo que está concluído e sim um construir-se que a cada dia está em processo de renovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **15 filhos**: um documentário no rastro da ditadura e suas possibilidades de uso didático. IN: III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis. 2006.

JENKINS, Keith. **A história repensada**; tradução: Mário Vilela. São Paulo: Contexto. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP. UNICAMP, 1990.

MENESES, Sônia. Luto, identidade e reparação: videobiografias de desaparecidos na ditadura militar brasileira e o testemunho no tempo presente. IN:Revista História Oral, volume 17, 2014 disponível em:

<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B0%5D=334&path%5B1%5D=pdf>

MITRE, Antônio. **O dilema do Centauro**: ensaios de teoria da história e pensamentos latino americanos. Belo Horizonte. Editora: UFMG,2003.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do papel. In. Carla Bassanezi Pinsky (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo. Contexto: 2006.

FILME

15 FILHOS. Direção: Maria de Oliveira e Marta Nehring. Brasil, 1996.